



Afro-Ásia

ISSN: 0002-0591

ISSN: 1981-1411

Universidade Federal da Bahia

Metzger, Kauê Otávio
O DECLÍNIO E QUEDA DOS SOGA: USOS POLÍTICOS DO CLIMA E ASTROS NO NIHON SHOKI *
Afro-Ásia, núm. 66, 2022, pp. 1-44
Universidade Federal da Bahia

DOI: <https://doi.org/10.9771/aa.v0i66.49359>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77075112001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UFBA redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

ARTIGOS

O DECLÍNIO E QUEDA DOS SOGA:

USOS POLÍTICOS DO CLIMA E ASTROS NO NIHON SHOKI*

Kauê Otávio Metzger  

Universidade Federal do Paraná

Durante uma cerimônia palaciana em 645 EC, na qual a Imperatriz Kogyōku recebia enviados coreanos, o palácio foi cercado e trancado por ordem do Príncipe Imperial Naka no Ōe e seu cúmplice, Nakatomi no Kamatari. Ambos haviam planejado cuidadosamente como proceder. Conclamando os guardas ao ataque, incitaram-nos a assassinar Soga no Iruka, uma das mais importantes figuras da corte naquele momento. Os guardas, a princípio, hesitaram, e coube ao próprio príncipe Naka no Ōe sacar sua espada e golpear Iruka no rosto e ombro, ferindo-o gravemente. Todo este drama desenrolava-se diante dos olhos da imperatriz, que horrorizada e atônita, falhava em entender o que se passava. Segundo consta, antes de morrer, Iruka clamou inocência de quaisquer crimes ou ofensas aos pés da Imperatriz. Novamente golpeado, Iruka sucumbiu, seu corpo sendo em seguida coberto com esteiras e painéis do palácio. Naka no Ōe, diante da imperatriz, justificou seu ato, alegando que Iruka pretendia destruir a Casa Imperial e usurpar o governo. Nos próximos dias, o pai de Iruka, Soga no Emishi, e inúmeros seguidores e parentes, cientes de que seriam executados, cometem suicídio.¹ Tal incidente, que ficaria marcado na história e mudaria os rumos do Japão, é o plano de fundo do deste artigo.

* Este estudo deve muito ao feedback e encorajamento da Professora Aline Dias da Silveira e do Professor Otávio Luiz Vieira Pinto, assim como às sugestões dos pareceristas da Afro-Ásia. Não menos importante, preciso mencionar o auxílio financeiro recebido pelas CAPES na forma de bolsa de mestrado.

1 William George Aston, *Nihongi: Chronicles of Japan from the Earliest Times to A.D. 697*, Londres: Allen & Unwin, 1956, pp. 191-193. Como a obra traz juntos num mesmo livro os volumes I e II da edição original, mas recomeça a contagem de páginas do zero no volume II, faz-se necessário distingui-los. Neste artigo, porém, todas as referências dizem respeito ao volume II.

Após o extermínio dos Soga, Naka no Ōe e Nakatomi no Kamatari tornaram-se os principais responsáveis pelas Grandes Reformas (Taika), que resultariam num intenso processo de sinificação da corte japonesa e centralização do poder imperial.² Naka no Ōe subiria futuramente ao trono como Imperador Tenji, e Nakatomi no Kamatari, ao morrer, receberia o sobrenome Fujiwara, sendo o fundador de uma das mais importantes famílias na história política do Japão.³ É assim que todo este drama se desenrola nas páginas do *Nihon Shoki*, crônica histórica compilada e apresentada à corte no ano de 720 EC, 75 anos mais tarde.

Os Soga, no entanto, eram uma família aristocrática influente há mais de um século, e os passos para sua ruína se desenrolam ao longo de décadas. Aqui nos caberá examinar sua trajetória, dando especial atenção aos momentos que antecedem sua queda. Quando – para o *Nihon Shoki* – os Soga tornaram-se vilões, inimigos do Estado e uma ameaça ao trono? E de que modo o *Nihon Shoki* justifica sua mudança de caráter e sua posterior eliminação? Estas são as principais perguntas que tentarei responder nas próximas páginas, sobretudo mostrando que na crônica histórica aqui tratada, fenômenos climáticos e astrológicos foram fundamentais para justificar a derrubada dos Soga e montar um panorama que os colocassem como vilões e usurpadores em potencial, seguindo uma complexa gramática política em que o próprio cosmos podia ser usado em favor de faccionalismos.

A ascensão dos Soga: Iname e Umako

Começo a exposição dos eventos relatados com a ascensão dos Soga ao alto escalão da corte. Isso se deu no primeiro ano do reinado de Senka

2 Sobre isto, ver, especialmente: Inoue Mitsusada, “The century of reform” in Delmer M. Brown (ed.). *The Cambridge History of Japan Volume 1: Ancient Japan*, Nova Iorque: Cambridge University Press, 1993, pp. 163-220.

3 Aston, *Nihongi*, pp. 274-300 cobre o reinado de Tenji. As páginas 291-292 narram a morte de Kamatari e fundação dos Fujiwara.

(r. 536-539 EC),⁴ no qual Soga no Iname é nomeado para o posto de Ō-omi.⁵ Este título costumava ser conferido apenas a *uji* de longo histórico de serviço direto à corte,⁶ e que residissem nas imediações da capital, no entanto, no caso dos Soga, seu prestígio e influência não advinha tanto de poder e suporte militar e religioso, mas de seu acesso a técnicas de produção e administração importadas dos reinos coreanos, que passavam a ser altamente cobiçadas pelos líderes da corte.⁷ Sorte maior, todavia, eles teriam no reinado seguinte, o de Kinmei (r. 540-571 EC), durante o qual Iname receberia mais uma vez a confirmação do título de Ō-omi, e conseguiria colocar duas filhas suas na posição de consortes imperiais. Tais filhas trariam ao mundo os futuros Imperador Yōmei e Imperatriz Suiko.⁸ O reinado de Kinmei testemunharia o primeiro contato oficial do Japão com o budismo, através de uma missão diplomática do rei Seonmyeong do reino coreano de Baekje.⁹ A experiência não deu frutos, mas o episódio serviu para marcar os Soga como primeiros patrocinadores do budismo no Japão, fazendo oposição aos demais *uji* (especialmente os Mononobe e Nakatomi), cujo prestígio advinha de suas ligações litúrgicas com o culto de deidades nativas. Durante o próximo reinado, de Bidatsu (r. 572-585 EC), Soga no Umako tomaria o lugar de seu falecido pai como Ō-omi, e uma neta imperial de Iname, a princesa Toyomike Kashikiya Hime no Mikoto, subiria à posição de Imperatriz Consorte.¹⁰ Umako, após uma experiência pessoal, torna-se um fervoroso devoto do

4 A data dos reinados segue a cronologia disposta em Gina L. Barnes, *State Formation in Japan: Emergence of a 4th-Century Ruling Elite*, Londres: Routledge, 2007, pp. 22-24. Trata-se, no entanto, de uma aproximação, especialmente para os reinados anteriores ao século VII.

5 Aston, *Nihongi*, p. 334. Segundo o tradutor, “Ō-omi” era escrito com os mesmos *kanji* que posteriormente seriam lidos como “Daijin”, que ele traduz como “grande ministro”. Junto com o título de “Ō-muraji”, formavam os mais altos títulos hereditários (*kabane*) conferidos pela corte imperial aos *uji* daquele tempo.

6 Os *uji* eram grupos familiares acrescidos de dependentes e colaterais, e por tal razão são comumente traduzidos por clãs.

7 Delmer Brown, “The Yamato kingdom” in Delmer Brown (ed.), *The Cambridge History of Japan Volume 1*, pp. 136 e 160.

8 Aston, *Nihongi*, pp. 39-40.

9 Aston, *Nihongi*, pp. 65-67.

10 Aston, *Nihongi*, pp. 90 e 95.

budismo, e passa a advogar sua adoção não só por interesses políticos, como, ao que tudo indica, por real convicção.¹¹ Depois de um longo episódio no qual a terra é tomada por calamidades (ao que os *uji* tradicionais malogram ao apontar novamente o budismo como culpado), Bidatsu acaba permitindo seu culto logo antes de morrer.¹² O budismo entra oficialmente no Japão.

Quem sobe ao trono após a morte de Bidatsu é Yōmei (r. 585-587 EC), o que provoca um grande avanço na fortuna dos Soga. Isto porque Yōmei era neto do falecido Iname, e sobrinho de Umako. Além disso, sua imperatriz consorte era também sua meio-irmã, a princesa Anahobe.¹³ Deste modo, os Soga entravam para a seleta lista de *uji* que podiam considerar-se *gaiseki* (*uji* aparentados à Casa Imperial).¹⁴ Yōmei, ao contrário dos imperadores anteriores, põe-se ao lado do budismo e ordena sua propagação. Os *uji* Mononobe e Nakatomi sente-se novamente desafiados e fazem oposição. O Imperador, no entanto, morre antes que tal crise seja solucionada, e o que se segue é uma brutal guerra sucessória durante a qual os Mononobe apoiam um príncipe, e os Soga, outro. Os principais rivais dos Soga, entre eles, o líder dos Mononobe, acabam derrotados e executados, subindo ao trono Sushun (r. 587-592 EC), mais um filho de Kinmei com Ōane-gimi (filha de Soga no Iname).¹⁵

Os Soga pareciam totalmente no controle da situação: Sushun era filho de uma mãe Soga, assim como o eram as duas principais figuras da corte (e principais aliados dos Soga), a princesa Toyomike Kashikiya e o Príncipe Umayado (Shōtoku Taishi). Umako foi mais uma vez confirmado no posto de Ō-omi. Mononobe no Moriya, seu principal opositor, havia perecido na guerra, e o budismo, longa pauta política dos Soga, parecia triunfar, agora com o patrocínio imperial (o Príncipe Umayado não só lutou ao lado de Umako como tornou-se patrono do budismo junto dele, ambos empreendendo um longo programa de construção de templos). O único revés foi o boato de que

11 Aston, *Nihongi*, pp. 101-102.

12 Aston, *Nihongi*, pp. 102-104.

13 A mãe de Yōmei era Kitashi-hime, enquanto a mãe de Anahobe era Ōane-gimi, ambas filhas de Iname e esposas do falecido Kinmei. Ver: Aston, *Nihongi*, pp. 40.

14 Brown, “The Yamato Kingdom”, p. 161.

15 Aston, *Nihongi*, pp. 109-117.

o Imperador Sushun planejava assassinar Umako, ao que o homem respondeu antecipando-se e arranjando o assassinato do Imperador, num episódio que, por mais chocante que seja, sequer toma ares de clímax na narrativa histórica.¹⁶

Ao espectador desatento, parece que o assassinato de um imperador indicaria uma mudança de atitude dos Soga perante o trono, e uma nova consciência de seu próprio poder político, no entanto, isto não ocorreu. Após Sushun, na verdade, subiu ao trono Toyomike Kashikiya, como Imperatriz Suiko (r. 592-628 EC),¹⁷ detentora de um longo, próspero e estável reinado. O Príncipe Umayado, mais comumente conhecido como Shōtoku Taishi, governava, enquanto ela reinava, e os Soga serviam de braço-direito ao trono, agindo como ministros leais e cônscios de sua posição. Isto, todavia, começaria a mudar após a morte das três figuras mais emblemáticas do período: Shōtoku Taishi (m. 622 EC), Soga no Umako (m. 626 EC), e Suiko (m. 628 EC).

O Declínio dos Soga: Emishi e Iruka

A morte da Imperatriz Suiko em 628 EC traz consigo o fim de um longo ciclo de estabilidade política. A corte fica dividida sobre o assunto da sucessão, sem decidir-se entre o filho de Shōtoku Taishi, Príncipe Yamashiro no Ōe, ou o Príncipe Tamura, um neto do Imperador Bidatsu.

A liderança dos Soga agora está nas mãos de Soga no Emishi, já que Umako falecera dois anos antes de Suiko. O que se sucede é um complexo jogo político entre Yamashiro no Ōe e Soga no Emishi, que eleva gradual mas irrevogavelmente as tensões na corte. Um tio de Emishi, Sakaibe no Marise, alinha-se ao Príncipe Yamashiro, e sentindo-se traído, Emishi ordena a execução de Marise e seus filhos, que morrem estrangulados.¹⁸ Após o

16 Aston, *Nihongi*, pp. 119.

17 Suiko era filha de Kinmei com Kitashi-hime, viúva de Bidatsu e irmã de Yōmei. Ver: Aston, *Nihongi*, pp. 40 e 121.

18 Um de seus filhos, Ketsu, consegue fugir e ocultar-se num convento, só para ser entregue por uma monja ciosa de um romance dele com uma irmã de hábito. Ao ser cercado, ele suicida-se com uma faca na garganta. Ver: Aston, *Nihongi*, p. 164.

ocorrido, Emishi – com ajuda de outros ministros – se apressa a colocar o Príncipe Tamura no trono.¹⁹ Ele torna-se o Imperador Jōmei (r. 629-641 EC). Na verdade, chega a ser estranho o fato de Emishi preferi-lo em detrimento de Yamashiro, pois Yamashiro tinha laços sanguíneos com os Soga pela mãe de seu pai, enquanto Tamura não possuía nenhuma ligação consanguínea com eles, deixando tal escolha sem explicação na crônica.

O reinado de Jōmei não foi marcado por grandes eventos, tirando uma incidência de fenômenos portentosos, no Céu e na Terra, como veremos adiante. No mais, seguiam as idas e vindas de embaixada dos reinos de Baekje e Goguryeo.²⁰ A única interrupção da paz deu-se brevemente num conflito militar contra os *emishi* do norte do Japão.²¹ No décimo terceiro ano de seu reinado, sem maiores explicações, o Imperador morre, sendo substituído por sua esposa, Kogyōku (r. 642-645 EC), cujo curto reino é assolado por calamidades diversas, e presságios muito mais frequentes e das mais variadas espécies.

O ano de 642 EC se estabelece como o ponto fundamental para a mudança dos Soga. Numa entrada ao fim deste ano, em retrospectiva, a crônica nos diz:

Este ano Emishi, Soga no Ō-omi, erigiu seu próprio templo ancestral em Takamiya, Katsuragi, e realizou a dança de oito fileiras. Ele finalmente fez uma música, dizendo:

“De modo a cruzar/O Rio Hirose de Oshi/Em Yamato/
Eu ajusto minhas jarreteiras/E fortaleço minha pélvis!”

Além disso, ele convocou todos os homens da terra, assim como os servos dos 180 *be*, e construiu duas tumbas em Imaki, em preparação para sua morte. Uma era chamada Grande Misasagi, e pretendida como tumba do Ō-omi; outra era chamada de Pequeno Misasagi, e fora feita

19 Aston, *Nihongi*, pp. 157-164.

20 Registram-se diversas ocorrências em: Aston, *Nihongi*, pp. 157-170.

21 Aston, *Nihongi*, p. 168. É preciso fazer distinção entre os *emishi*, uma etnia, com Soga no Emishi, um nome próprio.

como tumba de Iruka no Omi. Era seu desejo que após sua morte, outros não fossem perturbados [na construção das tumbas]. Além disso, ele reuniu todo o povo Mibu de Kamutsumiya, e os pôs em trabalho forçado nos precintos das tumbas.²²

Como veríamos, tais eventos, por mais que passassem despercebidos pelos homens, não passariam pelos Céus. Cabe aqui uma breve explicação: a dança de oito fileiras, com o tempo, tornou-se uma alegoria chinesa à usurpação, não havendo modo algum de confirmar a propagação desta cerimônia no Japão.²³ Com isso, é provável que os autores quisessem retratá-lo como um usurpador dentro de uma gramática de poder de aceitação continental. Em relação às tumbas, o texto é um tanto mais claro: ele erigira para si e seu filho túmulos aos moldes “imperiais”.²⁴ Por último, os Mibu de Kamutsumiya eram os servos hereditários do antigo Shōtoku Taishi, e ao convocá-los para o trabalho forçado, Emishi entra em colisão com a Princesa Kamutsumiya, filha de Shōtoku. As consequências deste enfrentamento seriam vistas no próximo ano.

Ao término do ano seguinte, Emishi dá prosseguimento às suas ambições: ele confere o barrete púrpura a seu filho Iruka, pondo-o no mesmo nível hierárquico que o Ō-omi (ou seja, ele próprio). Além disso, cita-se também que o irmão mais novo de Iruka tinha uma avó Mononobe, e que Emishi vê-se no direito de declará-lo Mononobe no Ō-omi (pondo-o acima do líder legítimo de tal *uji*, o detentor do título de Mononobe no Ō-Muraji).²⁵ Apenas seis dias depois de receber o título de Ō-omi, Iruka põe seus planos em ação: ele alia-se ao Príncipe Furohito no Ōe, filho do falecido Jōmei com uma filha de Umako, intencionando pô-lo no trono.

22 Aston, *Nihongi*, p. 178. Todas as traduções contidas neste artigo são de responsabilidade do autor.

23 Herman Ooms, *Imperial Politics and Symbolics in Ancient Japan: The Tenmu Dynasty, 650-800*, Honolulu: Editora da Universidade do Havaí, 2009, p. 145.

24 No Japão desta época, os grandes túmulos imperiais ainda eram uma das principais formas de legitimação política. Sobre isto, ver: Barnes, *State Formation in Japan*; e Brown, “The Yamato kingdom”.

25 Aston, *Nihongi*, pp. 181.

Antes, no entanto, ele precisava acabar com o foco de resistência que crescia entre os descendentes de Shōtoku. Depois de um episódio em que o príncipe foge e se esconde, ele e sua família acabam sendo cercados em sua residência, e, sem saída, Yamashiro no Ōe, suas concubinas e seus descendentes suicidam-se por estrangulamento.²⁶ Estes eventos ocorrem pelo décimo primeiro mês de 643 EC. O poder dos Soga, e especialmente sua audácia, parecem dar um salto colossal no ano seguinte, culminando na seguinte passagem:

Inverno, 11º mês. Iruka no Omi, filho de Emishi, Soga no Ō-omi, construiu duas casas na Colina Amagashi. A casa do Ō-omi era chamada de Portão-do-Palácio; a casa de Iruka era chamada de Portão-do-Palácio do Vale. Seus filhos e filhas foram designados príncipes e princesas. Fora das casas foram construídas paliçadas, e um armazém para armas foi erigido ao pé do portão. Em cada portão foi posto um tanque de água, e muitas dezenas de ganchos de madeiras como uma provisão em caso de fogo.

O Ō-omi fez Osa no Atae construir o Templo de Hokonuki no Monte Oniho. Além disto, ele construiu uma casa no lado leste do Monte Unebi e cavou um fosso, de modo a torná-la num castelo. Ele erigiu um depósito de armas, e armazenou flechas. Em suas idas e vindas, ele sempre estava cercado por uma companhia de cinquenta soldados. Estes brutos eram chamados de Companhia Oriental. Os membros dos vários *uji* vinham ao seu portão, e esperavam por ele. Ele dizia-se seu pai, e eles seus filhos. Os Aya no Atae atendiam inteiramente a ambas as casas [isto é, do pai e do filho].²⁷

Neste parágrafo fica claro, segundo o *Nihon Shoki*, que os Soga tinham algum apoio – ou capacidade de coerção – popular, e também contavam com aliados entre outros *uji*. Mais que isso, a crônica diz que no

26 Aston, *Nihongi*, pp. 181-183.

27 Aston, *Nihongi*, pp. 189-190.

sexto mês deste mesmo ano, feiticeiros e bruxas vindos de todos os cantos juntaram-se onde Emishi estava, e se acotovelaram para aproximar-se dele enquanto ele cruzava uma ponte, cada um querendo dar-lhe “interpretações sutis de palavras divinas”.²⁸ O trecho ainda diz: “os velhos dizem que isto é um sinal de mudanças”. Os presságios, por sinal – e como veremos adiante – não cessam, embora a partir daqui a crônica volte a dar mais destaque para ocorrências políticas. Outro ponto de destaque no primeiro destes parágrafos, assim como na decisão de matar Yamashiro no Ōe e seus descendentes, é o fato de Iruka tomar decisões independentemente, ou até à revelia, de seu pai (como no caso em que seu pai o critica severamente por ter ordenado a morte de Yamashiro no Ōe e seus descendentes).²⁹ Isso condiz com o trecho da crônica no qual ele é apresentado pela primeira vez, no começo do reinado de Kogyōku:

1º ano, Primavera, 1º mês, 15º dia. A Imperatriz-Consorte assumiu a Dignidade Imperial. Emishi, Soga no Omi, foi nomeado Ō-omi como antes. O filho do Ō-omi, Iruka (também chamado Kuratsukuri), tomou em suas mãos as rédeas do governo, e seu poder era maior que o de seu pai. Desta feita, ladrões e assaltantes o temiam terrivelmente, e coisas caídas nas estradas não eram pegas.³⁰

Em resposta aos eventos que levaram à morte Yamashiro no Ōe e sua família, Nakatomi no Kamatari começa a buscar um príncipe em quem possa confiar, de modo a pôr um fim aos abusos dos Soga, encontrando Naka no Ōe no processo. Os dois trazem para sua conspiração um parente de Emishi e Iruka, Soga no Ishikawa no Maro.³¹ No sexto mês do ano seguinte, eles colocam seu plano em ação, e, como já vimos, executam Iruka diante da Imperatriz, que logo depois abdicou em favor de

28 Aston, *Nihongi*, p. 187.

29 Aston, *Nihongi*, p. 183.

30 Aston, *Nihongi*, p. 171.

31 Aston, *Nihongi*, pp. 184-186.

um príncipe da escolha de Kamatari e Naka no Ōe.³² Ao interpretar uma canção popular da época, os redatores da crônica dizem:

Foi ominoso que os príncipes Kamutsumiya [descendentes de Shōtoku Taishi], de disposição gentil, e nenhum deles culpado de qualquer crime, fossem feridos por Iruka; e que o Céu tenha trazido sua morte [de Iruka] pelas mãos de outros, embora não tido eles próprios sua vingança.³³

Isto poderia deixar a entender que o Céu limitou-se a arranjar o assassinato de Iruka e a derrocada dos Soga pelas mãos de seus agentes. No entanto, é meu objetivo mostrar que o Céu, usado habilmente pelos redatores do *Nihon Shoki*, esteve presente por toda a trajetória final dos Soga, desde que Jōmei subira ao trono, reagindo organicamente à mudança de disposição dos Soga. Para tanto, nos cabe aqui um breve desvio, onde examinarei o contexto de produção da referida crônica.

O Japão Nara e suas crônicas históricas

Após o golpe de Estado executado pelo Príncipe Naka no Ōe, ele e Nakatomi no Kamatari tomaram as rédeas do governo pelas próximas décadas, embora Naka no Ōe só tenha subido ao trono como Imperador Tenji (r. 668-671 EC) duas décadas mais tarde. Com sua morte, seu irmão entrou em guerra contra o sobrinho e venceu-o, subindo ao trono como Imperador Tenmu (r. 673-686 EC), e intensificando as reformas centralizadoras iniciadas por Tenji. Ressalto aqui que Tenmu era casado com uma filha de Tenji, que reinou posteriormente como Imperatriz Jitō (r. 690-697 EC), e que caberia aos descendentes de ambos levar o Japão ao glorioso período Nara (710-786 EC).³⁴

32 Aston, *Nihongi*, p. 194.

33 Aston, *Nihongi*, p. 194.

34 O *Nihon Shoki* segue até o fim do reinado de Jitō.

Foi durante este período – da queda dos Soga ao fim do reinado de Tenmu – que o Japão tomou os contornos que conhecemos. O soberano largou o título de *ōkimi*, que o punha perante o resto da corte mais como um *primus inter pares*, em favor de *tennō*, soberano celestial, marcando uma separação de *status* muito maior.³⁵ Foi também neste período que se adotou inequivocamente a narrativa da origem divina da Casa Imperial, e que foi forjada sua ligação com Amaterasu, que perdura até hoje.³⁶ O motor de tais mudanças foi principalmente uma onda de mudanças semelhantes no resto da Ásia, que resultariam na reunificação da China pela dinastia Sui (589 EC) e, posteriormente, pela dinastia Tang (618 EC), na destruição dos reinos coreanos de Baekje (663 EC) e Goguryeo (668 EC), e na unificação da Coreia pelo reino de Silla. Frente a tais formidáveis adversários, o Japão viu-se na iminência de criar um Estado burocrático forte e centralizado.³⁷

Como resultado, o século seguinte viu o surgimento das primeiras crônicas históricas japonesas a durarem até os dias de hoje, o *Kojiki* (712 EC) e o *Nihon Shoki* (720 EC). Ambas as obras retraçam a história do Japão desde os tempos míticos, possuindo forte caráter legitimador para a Casa Imperial. No entanto, o *Kojiki* detém sua narrativa histórica no fim do século V, enquanto cabe ao *Nihon Shoki*, obra muito maior e mais detalhada, registrar os acontecimentos até o fim do reinado de Jitō. Dada a grande turbulência política do século anterior, a obra tinha com certeza muito a justificar em termos históricos. O fato de tais crônicas

35 Sobre as implicações do título de *tennō* e as mudanças de concepção de soberania, ver Ooms, *Imperial Politics and Symbolics in Ancient Japan*. As páginas 4 e 11 apresentam o argumento inicial, mas o mesmo é desenvolvido ao longo da obra com grande riqueza de detalhes. É importante ressaltar que o *Nihon Shoki* retroage o uso de *tennō*, assim como sobrepõe diversas estruturas políticas da época de sua redação em períodos anteriores, como ocorre com os ditos “imperadores” e “imperatrizes” citados.

36 Russell Kirkland, “The Sun and the Throne: The Origins of the Royal Descent Myth in Ancient Japan” *Numen*, v. 44, n. 2 (1997), pp. 109-152; também Ooms, *Imperial Politics and Symbolics in Ancient Japan*.

37 Mitsusada, “The century of reform” se concentra nas reformas do século VII, que culminaram no estado de Nara. Naoki Kojiro, “The Nara state” in Delmer M. Brown (ed.), *The Cambridge History of Japan Volume 1* se debruça sobre as reformas e desenvolvimentos do próprio período Nara, no século VIII. Ambos os capítulos são leitura essencial para o entendimento do Japão destes séculos.

serem redigidas por ordem de decretos imperiais, e de o *Nihon Shoki* ter como líder do projeto um príncipe imperial, não passa despercebido.³⁸

Quanto à organização do *Nihon Shoki*, ela segue mais ou menos o seguinte padrão: de início, dedica-se uma boa parcela da obra aos tempos mitológicos e, posteriormente, divide-se entre os reinados de cada soberano, em forma de anais, com registros cronológicos dos acontecimentos, salvo pelo início de cada reinado, no qual cada soberano é apresentado individualmente, contando sua linhagem e enumerando seus descendentes e relações conjugais, de modo que também fica claro o caráter genealógico de tal obra, além de discorrer sobre características individuais do soberano em questão.

O que resta deixar claro é que todas as reformas pelas quais o Japão passou, e que em muito influenciaram a tônica de suas crônicas históricas, tinham forte fortíssima influência chinesa. Os reinos chineses eram o modelo de civilização não só para a península coreana, como também para o Japão, e a reunificação da China, fraturada desde o fim da dinastia Han, no século III EC, foi um evento cuja grandiosidade não pode ser expressa com justiça nestas poucas páginas. Os Soga, inclusive, como já referido brevemente, eram importantes especialmente por conta de sua ligação com os reinos coreanos, estes desde sempre em forte contato com os reinos chineses – de fato, os reinos coreanos serviram por muito tempo como intermediários entre o arquipélago japonês e os reinos chineses, e é principalmente a reunificação da China que muda estas condições, pois a partir de então o Japão busca enfaticamente vias mais diretas de contato com Sui, e especialmente, Tang.

O próprio *Nihon Shoki* registra com detalhes tudo que recebia e adotava da China.³⁹ Em suma, o Japão do período Nara era um reino

38 Edwin A. Cranston, “Asuka and Nara culture: literacy, literature, and music” in Delmer M., Brown, *The Cambridge History of Japan Volume 1*, p. 468. O líder do projeto foi o Príncipe Toneri (677-735), um dos filhos de Tenmu. Outros dois príncipes envolvidos foram Kawashima e Osakabe.

39 A obra é bastante zelosa quando se trata de registrar visitantes estrangeiros e comitivas oficiais. Há reinados com dezenas de registros desta espécie.

altamente sinificado, dado a estudos sérios do pensamento chinês, e os imperadores japoneses do período não pouparam esforços para legitimar-se nos termos chineses, ou seja, na gramática política em voga nas suas mediações continentais.⁴⁰ Dito isto, passo agora a uma explicação mais detalhada sobre as implicações destas concepções político-cosmológicas chinesas, para que possa finalmente analisar a mudança de sorte dos Soga, uma vez desvendados os contornos chineses presentes na tradição historiográfica que deu origem ao *Nihon Shoki*.

O Céu e seu legado nas concepções chinesas

Em seu trabalho monumental intitulado *Science and Civilisation in China*, Joseph Needham começa a seção dedicada à astronomia com as seguintes palavras:

A astronomia foi uma ciência de importância cardeal para os chineses, uma vez que esta surgiu naturalmente daquela “religião” cósmica, daquele senso de unidade, até mesmo “solidariedade ética” do universo [...]. O estabelecimento do calendário pelo imperador de um povo agrícola, e sua aceitação por todos aqueles que reconheciam sua submissão diante dele, são linhas que correm continuamente ao longo da história chinesa desde os mais antigos tempos. [...] na China, pelo contrário [em oposição aos gregos], ele [o astrônomo] era intimamente ligado ao pontificado soberano do Filho do Céu, parte de um serviço oficial do governo, e ritualmente acomodado dentro das próprias muralhas do palácio imperial. [...] Exceto pelos registros babilônicos, muitos dos quais foram presumivelmente perdidos por completo, os dos chineses mostram que eles eram os mais persistentes

40 Sobre este argumento, ver Ooms, *Imperial Politics and Symbolics in Ancient Japan*. O ponto é defendido ao longo de todo o livro, e seu estudo foi indispensável para a concepção do presente artigo.

e acurados observadores de fenômenos celestiais em qualquer lugar do mundo antes dos árabes.⁴¹

Talvez surpreendentemente, os postos de Astrônomo Imperial (Feng Xian Shi) e Astrólogo Imperial (Bao Zhang Shi) eram diferenciados já na antiguidade chinesa⁴², conforme nos mostram as passagens do *Zhou Li* (“Registros dos Zhou”), apresentados por Needham. Aqui cabe citar as funções do Astrólogo Imperial, de acordo com tal obra:

Ele ocupa-se com as estrelas nos céus, mantendo registros das mudanças e movimentos dos planetas, do sol e da lua, de modo a examinar os movimentos no mundo terrestre, com o objetivo de distinguir (prognosticar) boa e má fortuna. [...] Ele faz prognósticos, de acordo com os doze anos (do ciclo de Júpiter), do bem e mal no mundo terrestre. Das cores dos cinco tipos de nuvens, ele determina a vinda de enchentes ou secas, abundância ou fome. Dos doze ventos ele tira conclusões sobre o estado de harmonia do céu e da terra, e toma notas de bons e maus sinais que resultam de seu acordo ou desacordo. No geral, ele ocupa-se com os cinco tipos de fenômenos, de modo a alertar o imperador a vir em auxílio do governo, e permitir variações nas cerimônias de acordo com as circunstâncias.⁴³

Tais trechos nos permitem apreciar quão importante o estudo dos astros era para os chineses, e entrever sua ligação com os acontecimentos políticos do mundo terrestre, embora não deixem prever um outro fenômeno: o da relação reativa do Céu perante eventos na terra.

41 Joseph Needham e Wang Ling, *Science and Civilisation in China, Volume 3: Mathematics and the Sciences of the Heavens and the Earth*, Nova Iorque: Editora da Universidade de Cambridge, 1959, p. 171.

42 Joseph Needham e Wang Ling, *Science and Civilisation in China, Volume 3: Mathematics and the Sciences of the Heavens and the Earth*, Nova Iorque: Editora da Universidade de Cambridge, 1959, pp. 189-190.

43 Needham e Wang, *Science and Civilisation in China, Volume 3*, p. 190.

Estas ideias são de origem muito antiga, e não caberá neste estudo recuperá-las por completo. Basta dizer que, ao contrário da astrologia helenística, a influência entre Céu e terra não era unidirecional, de modo que ocorrências na terra também arrancavam reações do Céu (na forma de anomalias celestes e outras manifestações ominosas), que serviam como índice de mau governo temporal.⁴⁴ A concepção chinesa antiga de Céu enquanto uma divindade com volição evoluiu ao longo dos séculos para a concepção de Céu quase como uma lei impessoal, sem, no entanto, perder com isso a relação que tinha com o mundo dos homens.⁴⁵ Do contrário, o Céu enquanto lei impessoal responde muito mais à moralidade que aos sacrifícios e oferendas, e aos poucos vai perdendo-se o caráter de barganha que os homens possuíam com o Céu.⁴⁶ Não por acaso, isto casa com a ideia de Mandato do Céu:

A teoria do Mandato oferece uma racionalização filosófica e religiosa para a conquista militar; ela também semeia as sementes de “revoluções” futuras, já que o Mandato pode ser removido (*koming/geming*) pelo Céu de um governante indigno. A suposição aqui é de que o Céu não é meramente o protetor da casa governante, mas o Senhor e protetor de todo o povo, cujo bem-estar, de fato, tem precedência sobre o da casa governante.⁴⁷

A teoria do Mandato do Céu, no entanto, não teve larga aceitação no Japão. O *Nihon Shoki* já se baseia em outras premissas: embora aceite-se muitas teorias sobre o Céu, ele não deixa de advogar a concepção da origem divina da Casa Imperial. Isso, todavia, não impede que o Japão aproprie-se de parte destas ideias, sem, contanto, pôr em risco a

44 David W. Pankenier, *Astrology and Cosmology in Early China: Conforming Earth to Heaven*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, pp. 299-300.

45 Yuri Pines, *Foundations of Confucian Thought: Intellectual Life in the Chunqiu Period, 722-553 B.C.E.*, Honolulu: University of Hawai'i Press, 2002, p. 62.

46 Pines, *Foundations of Confucian Thought*, pp. 84-85, 87.

47 Julia Ching, *Mysticism and Kingship in China: The heart of Chinese wisdom*, Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 63.

Casa Imperial – pelo contrário, tais ideias foram apropriadas em prol da ideologia imperial.⁴⁸

O Céu, portanto, torna-se uma força impessoal que responde às circunstâncias terrenas, boas ou más, por meio de ações. Por vezes, o Céu também pode tomar a dianteira e ser propiciado, posto que sua relação é bilateral – ele influencia e é influenciado a todo tempo. Embora não fale por palavras, o Céu pode ser interpretado, transmitindo mensagens por meio de ocorrências astronômicas, climáticas, ou de outras variadas origens. Uma passagem muito sutil dos *Analectos* de Confúcio (aprox. 551-479 AEC) já alude à capacidade do Céu de comunicar-se e ser compreendido:

17.19 O Mestre [*Confúcio*] disse: “Desejo não falar (mais)”.

Zigong disse: “Se o Mestre não falar (mais), o que (nós) pequeninos registraremos?”

O Mestre disse: “O que o Céu diz? As quatro estações se sucedem, as cem coisas nascem delas: o que o Céu diz?”⁴⁹

Tal passagem, além de tudo, nos permite ver que a relação de macrocosmo-microcosmo entre Céu e terra não estava presente só no campo das ideias religiosas, mas que tal concepção difundiu-se entre muitos pensadores chineses, conforme vemos a seguir falando de Mêncio (372-289 AEC), e outros de seu tempo:

[Mêncio e] Muitos outros de seu tempo, e mesmo antes e depois, eram mais capturados pelo significado de fenômenos naturais, como eclipses do sol e aparecimento de cometas, para a sociedade humana. Estes eventos eram frequentemente interpretados como sinais do alto, e como reflexos da qualidade moral do governo do soberano.⁵⁰

48 Naoki, “The Nara state”, pp. 226-241 faz uma longa discussão das fundações ideológicas da corte de Nara.

49 Giorgio Sinedino, *Os Analectos*, São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 541.

50 Ching, *Mysticism and Kingship in China*, p. 103.

O filósofo Dong Zhongshu (179-104 AEC), um dos responsáveis por sintetizar diversas escolas diferentes de pensamento dos períodos anteriores, é ainda mais claro e específico em sua fala:

De acordo com uma classificação grosseira, quando coisas no Céu e na Terra passam por mudanças anormais elas são chamadas “anomalias.” As menores são chamadas “portentos.” Portentos sempre aparecem primeiro e são seguidos por anomalias. Portentos são os avisos do Céu; anomalias são suas ameaças. Se o Céu avisa [o governante] e ele não reconhece [estes avisos], o Céu então envia anomalias para sobressaltá-lo. A Ode diz: “Nós trememos em admiração e temor ao Céu.” Isto talvez faça referência a isso.

A fonte de todos os portentos e anomalias reside nas faltas que existem no Estado. Quando faltas apenas começaram a germinar, o Céu manda temíveis portentos para alertar e informar o governante sobre tais faltas. Se depois de alertado e informado, o governante falha em reconhecer a causa de tais portentos, então estranhas anomalias surgem para amedrontá-lo. Se depois de amedrontado ele ainda falha em reconhecer as causas de seu medo, só então infortúnios e calamidades o atingem.⁵¹

Muito mais poderia se dizer sobre a relação entre Céu e terra, e sobretudo sobre o Céu e o Estado e seus governantes nas concepções chinesas. No entanto, acredito que tenha tornado tais relações suficientemente claras para dar prosseguimento ao argumento. Como já vimos, o Japão do período Nara, durante o qual o *Nihon Shoki* foi redigido, era um Estado extremamente sinificado, e a redação da crônica, toda emulando moldes chineses,⁵² não poderia ver-se livre de tais concepções.

51 William Theodore de Bary (comp.), *Sources of Chinese Tradition, Volume 1: From Earliest Times to 1600*, 2. ed. Nova Iorque: Columbia University Press, 1999, pp. 305-306.

52 Sobre a produção do *Nihon Shoki*, e a influência chinesa nos primeiros escritos japoneses, ver, especialmente: Cranston, “Asuka and Nara culture: literacy, literature, and music”, pp. 457-460.

Pelo contrário, agora poderemos ver claramente como ela fez uso premeditado destas concepções para justificar a eliminação dos Soga.

O ultimato do Céu na narrativa dos Soga

Já estabelecemos até aqui que o declínio dos Soga iniciou-se no reinado de Jōmei e atingiu seu apogeu no reinado de Kogyōku. Especialmente, é a transição de Umako para Emishi e Iruka que marca claramente a mudança de papéis dos Soga na narrativa, Iruka sendo a representação final da vilania Soga. Como foi brevemente aludido, a partir do reino de Jōmei começa a ocorrer uma grande incidência de presságios. À luz de tudo que foi dito até aqui, apoiado nas concepções chinesas de relações entre o Céu e os homens (especialmente os governantes), prossigo fazendo uma análise meticulosa de tais presságios.

Em primeiro lugar, usarei o termo “presságio” para referir-me a qualquer ocorrência ominosa relatada nas crônicas, a contar: eventos astronômicos (exceto os registros de mudança de ano do ciclo sexagenário, que ocorrem todos os anos); meteorológicos (chuvas, enchentes, seca, granizo, geada, tempestades, trovões e fenômenos similares cuja consequência seja fome, danificação ou destruição de ervas, construções, embarcações ou pessoas; outros fenômenos estranhos envolvendo o céu que tenham origem terrestre, como mudança da coloração das nuvens); sísmicos; zoológicos (aparecimento de animais estranhos, ou que apresentem comportamentos impossíveis ou improváveis, como magia ou fala, ou recebendo destaque no texto por alguma outra razão, como surgimento inesperado em grande número); botânicos (nas mesmas premissas dos zoológicos); sobrenaturais (fenômenos estranhos e inexplicáveis de todas as espécies), além de todo e qualquer fenômeno que a crônica por si só destaque como ominoso ou espantoso. Estarão excluídos desta lista todos os eventos causados diretamente pela agência humana (acidentes

por inépcia ou omissão, por exemplo, ou incidentes propositalmente criminosos). Ocorrências que se provarem completamente incidentais e isoladas, como anedotas de camponeses com o sobrenatural sem nenhuma ligação aparente com a narrativa geral serão examinadas caso a caso na contagem. Por último, eventos sobrenaturais sem caráter premonitório, como punições divinas pontuais e imediatas, também não serão tomados como presságios. Embora use “presságio” como um designador geral, tentarei esboçar adiante uma relação de gradação entre suas formas amena e grave, “portentos” e “anomalias”, seguindo a tipologia de Dong Zhongshu. Por fim, como nota, destaco que a obra apresenta dois tipos de presságios: os que ela explicitamente trata como tais (por vezes dando até uma interpretação), e os cujo caráter premonitório é implícito ou não mencionado. Muitos dos eventos climáticos caem nesta segunda categoria, e não é possível distinguir com clareza absoluta os que são premonitórios dos que não são. Optei, portanto, por destacar todos como potencialmente premonitórios na realização da contagem de presságios, por razões que explicarei adiante.

A análise a seguir começará examinando o número total de registros dos reinados de Jōmei e Kogyōku, e comparando com o número de registros em que haja ocorrência de presságios. Para propósitos comparativos, o mesmo levantamento será feito com os três reinos anteriores (Yōmei, Sushun, Suiko) e os três posteriores (Kōtoku, Saimei, Tenji). Ressalto aqui que o intuito da pesquisa não é analisar a incidência de presságios na totalidade do *Nihon Shoki*, que estaria muito além do escopo de um artigo, embora um quadro comparativo mais longo fosse desejável. Ainda assim, acredito que ao comparar a incidência de presságios nestes oito reinados, será possível fazer inferências suficientes sobre o caráter peculiar dos reinados de Jōmei, e sobretudo, Kogyōku.

Tabela 1
Razão entre presságios e registros gerais dos reinados de Yōmei a Tenji

Reinado	Nº total de registros	Nº de presságios	% de presságios/ registros	Total de páginas do reinado
Yōmei (r. 585-587)	7	0	0,00%	6
Sushun (r. 587-592)	16	2	12,50%	9
Suiko (r. 592-628)	114	15	13,15%	36
Jōmei (r. 629-641)	44	14	31,81%	14
Kogyōku (r. 642-645)	99	48	48,48%	24
Kōtoku (r. 645-654)	67	5	7,46%	53
Saimei (r. 655-661)	46	9	19,56%	26
Tenji (r. 668-671)	108	17	16,66%	27

Fonte: elaborada pelo autor com base em Aston, *Nihongi*.

Como deve ficar claro na tabela acima, há um aumento espetacular no número de presságios nos reinados de Jōmei e Kogyōku frente aos reinados imediatamente precedentes. É verdade que o reinado de Suiko possui 15 registros de presságios, mas quando comparado ao total de 114 registros, os presságios correspondem a apenas 13,15% das ocorrências registradas, menos da metade que sua incidência no reinado de Jōmei, e menos de um terço que a incidência no reinado de Kogyōku. Dos possíveis presságios destacados em Suiko, há nove ocorrências meteorológicas (terremoto; três chuvas fortes seguidas por alagamento, e em dois casos, perda de colheitas, num deles sendo prolongada e causando fome generalizada; frio e geada na primavera; neve no verão; duas geadas no verão; seca prolongada), três ocorrências sobrenaturais (duas criaturas humanoides achadas na água; um texugo metamorfo), duas ocorrências astronômicas (objeto vermelho de corpo alongado; eclipse total do sol) e uma ocorrência zoológica (enxame ruidoso de moscas).⁵³ Não cabe aqui uma análise detalhada, mas alguns dos fenômenos meteorológicos talvez possam ser descartados como presságios, e a maioria dos demais presságios precede imediatamente as mortes das três grandes figuras do período: Shōtoku Taishi, Soga no Umako e Suiko. No reinado de Sushun,

53 Aston, *Nihongi*, pp. 124, 125, 147, 148, 152, 154 e 155.

os únicos dois possíveis presságios giram em torno da morte do guerreiro Yorozu (chuva e trovões surgem quando o governador de Kawachi está prestes a desmembrar seu corpo, e seu cachorro pega sua cabeça, leva para um monte, e morre de fome).⁵⁴ Passando para Kōtoku, imperador que sucede a Kogyōku, notamos uma queda brusca nos presságios. Três das ocorrências ominosas giram em torno de ninhadas de ratos (uma delas serve como presságio para a mudança da capital), e outras duas são fenômenos climáticos pontuais, que tornam-se no máximo presságios dúbios.⁵⁵ Após Kōtoku, Kogyōku reascende ao trono com a designação de Saimei, e o número de presságios quase triplica frente ao reinado anterior, talvez indicando uma relação especial de Kogyōku/Saimei com o divino. No entanto, os presságios de seu segundo reinado são de natureza completamente diferente: há presságios ligados à guerra com reinos coreanos, presságios presenciados por conspiradores, dois presságios da morte da Imperatriz, um incêndio no palácio (que pode não ser um presságio), alguns bons presságios envolvendo animais, e uma ocorrência muito auspiciosa no começo de seu reinado, quando um dragão é avistado nos céus.⁵⁶ No entanto, não há nenhuma ocorrência de chuvas, secas, clima não sazonal ou desarmônico, assim como nenhum fenômeno astronômico, que conforme veremos, foram as características marcantes de seu primeiro reinado. Os presságios de Tenji são complexos e variados o bastante para que não me detenha examinando-os aqui,⁵⁷ cabendo a nota de que julgo que os reinados de Tenji e Tenmu são, assim como os de Jōmei e Kogyōku, particularmente auspiciosos.⁵⁸

Até então, deixei de lado os dois reinados para os quais este estudo realmente se volta. Passemos, portanto, para os reinados de Jōmei e Kogyōku.

54 Aston, *Nihongi*, p. 116.

55 Aston, *Nihongi*, pp. 205, 226, 228, 242 e 245.

56 Aston, *Nihongi*, pp. 248, 251, 252, 256, 259, 263, 269, 270.

57 Aston, *Nihongi*, pp. 276, 277, 282, 285, 289, 291, 292, 293, 296, 299 e 300.

58 Este ponto é também defendido por Ooms ao longo de sua obra, especialmente no que diz respeito ao reinado de Tenmu, que ele classifica como um “mestre do *yin-yang*”. Ver Ooms, *Imperial Politics and Symbolics in Ancient Japan*, p. 89.

Como pode-se observar na tabela, a incidência de presságios frente ao total de registros no reinado de Jōmei é de espantosos 31,81%, quase um terço do total. Destes presságios, destaco o aparecimento de uma “estrela-vassoura” (possivelmente uma “estrela cadente”, ou seja, um cometa) no sexto, sétimo e décimo anos do reinado de Jōmei; uma “lótus gêmea” (duas flores nascidas de um mesmo caule) no lago Tsurugi, no sétimo ano de seu reinado; eclipse solar no oitavo e nono anos; tempestades, chuvas e enchentes em anos diversos, com seca e fome no oitavo ano; uma ocorrência de trovões sem nuvens no décimo ano (segundo Aston, um mau presságio).⁵⁹ Além disso, quando a “estrela-vassoura” reaparece no décimo ano, ela vem seguida de fome. No décimo segundo ano do reinado de Jōmei, Vênus oculta-se por detrás da lua, o que para os chineses representava grande mortandade para o povo.⁶⁰ Por fim, no décimo terceiro ano de seu reinado, sem maiores explicações, o imperador morre, sendo substituído por sua esposa, Kogyōku.

O primeiro reinado de Kogyōku foi assolado por calamidades de todas as espécies. A taxa de incidência de presságios de 48,48% é alarmante, sendo possivelmente o reinado mais devastado pelo Céu em toda a crônica. Se analisarmos seu reinado ano a ano, os números são ainda mais assustadores: dos 60 registros de seu primeiro ano de reinado, 25 são possíveis presságios (41,66%); o segundo ano é particularmente catastrófico, pois embora haja 18 registros de presságios (7 a menos que no primeiro ano), o ano possui um número total de registros muito menor, 26, tornando este o ano com o maior número de presságios por total de registros (69,23% dos registros são presságios); no terceiro e quarto anos, os presságios diminuem enormemente, sendo 3 presságios entre 7 registros no terceiro ano (42,85%) e 2 presságios entre 6 registros no quarto ano (33,33%). Ainda assim, mesmo no ponto mais baixo, o índice de incidência de presságios é maior que no reinado de Jōmei. Mas qual a natureza destes presságios?

59 Aston, *Nihongi*, p. 160.

60 Aston, *Nihongi*, p. 169, nota 6.

No primeiro ano, temos uma enorme incidência de chuvas no terceiro e quarto mês, notando-se um registro de chuvas sem nuvens. No sexto mês, ao contrário, o que instala-se é uma penosa seca, que prolonga-se até o sétimo mês. A chuva nos meses de primavera (quando inicia-se o ano japonês) põe em risco o plantio dos grãos, enquanto a seca nos meses de verão põe em risco sua maturação. No sétimo mês, há a ocultação de uma estrela atrás da lua. Pelo oitavo mês, as chuvas retornam, mas acompanhadas de ventos e trovões. Daí até o fim do ano, há quatro registros de terremotos, quatro registros de chuvas, nove registros de trovões (alguns sem chuva ou mesmo nuvens), quatro registros de ventos, e três ocorrências de clima fora de estação. Não à toa, no último registro do ano é aquele no qual se fala das intenções de usurpação de Soga no Emishi.⁶¹ Vejamos o que o texto diz imediatamente após a declaração de intenções de Emishi: “2º ano, Primavera, 1º mês, 1º dia. Pela manhã, grandes nuvens de cinco cores cobriram todo o céu, exceto ao nordeste, onde estavam ausentes. Uma bruma de cor azul uniforme subiu da terra em todos os lados”.⁶²

Tal trecho não deixa de aparentar relação com o que vimos acima sobre o papel do Astrólogo Imperial para os chineses: “das cores dos cinco tipos de nuvens, ele determina a vinda de enchentes ou secas, abundância ou fome”.

Frente aos eventos do primeiro ano, o próprio tradutor percebeu algo de errado, comentando em nota:

o significado geral [para a cosmologia chinesa] é que o mau governo é a causa de mau clima, pestilência, e outros desastres. Não estou certo, no entanto, que o escritor japonês adotou tal teoria. Ele pode apenas querer apontar que o clima estava fora de eixo, sem a intenção de responsabilizar a Imperatriz por isto.⁶³

61 Aston, *Nihongi*, p. 178.

62 Aston, *Nihongi*, p. 178.

63 Aston, *Nihongi*, p. 176, nota 1.

De fato, se tomar a imperatriz como única responsável pela “saúde cósmica” do reinado, tal interpretação não faria sentido, posto que ela é retratada na crônica como uma governante virtuosa, e com forte ligação com o sagrado. No entanto, este não é o caso. Um fato atesta para a inocência da Imperatriz: no primeiro ano de seu reinado, durante a época de secas prolongadas, Emishi tentou apaziguar o Céu ordenando leituras de sutras budistas. No entanto, seus esforços são em vão, e a situação só melhora com a interferência da Imperatriz (que segundo Aston, realiza um rito de caráter chinês, mas não budista):

8º mês, 1º dia. O Imperador [*na verdade, a Imperatriz*] fez seu progresso à fonte do rio Minabuchi. Aqui ela ajoelhou-se e rezou, adorando aos quatro quadrantes, e olhando acima, para o Céu. De imediato houve um trovão e muita chuva, que eventualmente caiu por cinco dias, e irrigou abundantemente o Império.

(Num escrito consta: – “Por cinco dias houve chuvas contínuas, e os nove grãos amadureceram”).⁶⁴

Se analisarmos o comportamento do Céu do reinado de Jōmei até aqui, podemos de modo mais ou menos uniforme dizer que o mesmo comunicou-se por portentos. A maioria dos eventos registrados, em especial os astronômicos, foram apenas auspiciosos, mas sem danos severos. No primeiro ano de Kogyōku, gradativamente, as coisas vão tornando-se mais sérias. No entanto, o trecho que segue ao anúncio das intenções dos Soga, visto acima, parece quase que um ultimato do Céu. A partir de agora, ele enviaria anomalias. Os registros do segundo ano relatam: uma grande tempestade (1º mês); ventos, trovões e chuvas de granizo, que danificam ervas e árvores (2º mês); outra grande tempestade com chuvas (4º mês); ventos gelados e geada durante o verão (4º mês); um eclipse lunar (5º mês); fortes chuvas e geadas (9º mês).⁶⁵ Neste ano,

64 Aston, *Nihongi*, p. 175.

65 Aston, *Nihongi*, pp. 178-184.

como vimos, Emishi promove seu filho, e este decide eliminar o Príncipe Yamashiro no Ōe e sua família.

Aqui esboço uma possível relação premonitória com outro evento ominoso que ocultei: no sétimo mês, registra-se um fedor intenso nas águas do lago Mamuta. Elas ficam cobertas de pequenas larvas de bocas pretas e corpos brancos. No oitavo mês, as águas ficam de coloração indigo, cobertas por larvas mortas. No nono mês, elas param de feder e tornam-se brancas.⁶⁶ Imediatamente depois de declarar as intenções de Iruka de acabar com os descendentes de Shōtoku Taishi, o texto fala que as águas do lago Mamuta voltaram ao normal. O último presságio registrado neste ano vem junto da morte de Yamashiro:

Neste ponto, o Príncipe Yamashiro no Ōe e seus companheiros voltaram da montanha e entraram no Templo de Ikaruga. Os comandantes imediatamente cercaram o Templo com tropas. Então o Príncipe Yamashiro no Ōe enviou Miwa no Fumaya no Kimi com uma mensagem aos comandantes, dizendo: – “Se eu tivesse um exército, e atacasse Iruka, eu certamente o teria conquistado. Mas em benefício de uma só pessoa, eu estaria indisposto a destruir o povo. Deste modo, entregue-me a Iruka.” Finalmente, ele e os membros mais jovens de sua família, com suas consortes, estrangularam-se ao mesmo tempo, e morreram juntos. Neste momento, cinco flâmulas e sombrinhas coloridas brilharam no céu, e descendo, ficaram suspensas sobre o Templo ao som de muita música. Cada um deles olhou para cima com gritos de admiração. Finalmente, elas foram apontadas para Iruka, quando as bandeiras e sombrinhas tornaram-se numa nuvem negra, de modo que Iruka fosse incapaz de vê-las.⁶⁷

Dados os contornos religiosos presentes, e o caráter heroico, quase sacrossanto de Yamashiro no Ōe (portador do legado de Shōtoku Taishi),

66 Aston, *Nihongi*, p. 180.

67 Aston, *Nihongi*, p. 183.

tal episódio pode ter o duplo significado de uma espécie de apoteose de Yamashiro no Ōe, ao mesmo tempo que marca a ruína dos Soga.

O terceiro ano toma um rumo completamente diferente. Não há catástrofes climáticas ou portentos astronômicos. O primeiro evento ocorre no terceiro mês, e só o destaquei como possível presságio pelo caráter curioso do registro: uma coruja dá crias nas terras de Emishi.⁶⁸ O fato de isso ter sido registrado na crônica revela ser uma ocorrência importante, quiçá ominosa. O segundo presságio também envolve Emishi, e é tomado por ele como positivo:

6º dia. Dentre as lótus do lago Tsurugi, havia uma que tinha duas flores num caule. Toyora no Ō-omi [Emishi] inferiu sem razão suficiente que isto pressagiava a futura prosperidade de Soga no Omi. Por isso, ele fez uma pintura com tinta dourada e a presenteou ao Buda de cinco metros de altura do Grande Hōkōji.⁶⁹

Frente a tudo isso, cabe perguntar: por que o Céu acalmou-se? Se aceitarmos que o Céu começou a manifestar-se com a ascensão indevida de Jōmei ao trono, em detrimento de Yamashiro no Ōe e por recurso de Soga no Emishi, comunicando-se por portentos e tornando-se gradativamente mais violento, mudando de portentos a anomalias até o evento climático da morte do Príncipe Yamashiro, por que então, no terceiro ano, o Céu calou-se por completo? Mais que isso, demonstrou, aparentemente, até possível simpatia aos Soga? A resposta é simples: seus avisos foram atendidos pela pessoa de Nakatomi no Kamatari. O primeiro registro do terceiro ano fala da elevação de Kamatari ao posto de sacerdote-chefe dos ritos *shintō* (segundo a crônica, a família Nakatomi ligava-se ritualmente ao trono desde a antiguidade),⁷⁰ e segue dizendo na mesma página:

68 Aston, *Nihongi*, p. 186.

69 Aston, *Nihongi*, p. 187.

70 Mitsusada, “The century of reform”, p. 172.

Nakatomi no Kamako no Muraji [Kamatari] era um homem de caráter reto e leal, e de disposição reformista. Ele estava indignado com o fato de Soga no Iruka ter quebrado a ordem entre Príncipe e Vassalo, Sênior e Júnior, e possuir ambições veladas sobre o Estado. Um após o outro, ele associou-se com Príncipes da linha Imperial, testando-os de modo a descobrir um governante sábio que pudesse estabelecer uma grande reputação. Por consequência, ele fixou sua mente em Naka no Ōe...⁷¹

A partir daí, ele e Naka no Ōe começariam os planos que culminariam no assassinato de Iruka e suicídio de Emishi no ano seguinte.

O outro presságio que o terceiro ano apresenta necessita de explicações. Um homem encontrou um macaco dormindo no Monte Miwa (um local sagrado desde a mais remota antiguidade japonesa),⁷² e ao pegá-lo, o mesmo começou a cantar. Depois disso, os redatores da crônica comentam: “Isto era um presságio, indicando, após a passagem de muitos anos, o cerco aos Príncipes Kamutsumiya [Yamashiro no Ōe e seus familiares] no Monte Ikoma por Soga no Kuratsukuri [Iruka]”.⁷³

Isso dá a entender que o presságio, posterior em alguns anos à morte do príncipe e seus descendentes, indicava que o Céu ainda lembrava-se do ocorrido, e o preço de tal covardia seria cobrado.

Sobre o terceiro ano, cabe ressaltar que por mais que os presságios tivessem cessado, os Soga estavam cada vez mais próximos de seu suposto golpe. Como já dito, a crônica conta que eles erigiram palácios fortificados, e estavam firmando relações verticais com outros *uji*. Além disso, o ano vê o surgimento de bruxas e feiticeiros, e de um culto popular muito estranho dedicado a um inseto, que chamavam de “Deus do Mundo Perpétuo”, e pareceu ter causado enorme furor por um breve tempo.⁷⁴ Em suma, as fundações do reino estavam em ruínas,

71 Aston, *Nihongi*, p. 184.

72 Brown, “The Yamato kingdom”, p. 116.

73 Aston, *Nihongi*, p. 187.

74 Aston, *Nihongi*, pp. 188-189.

o Estado beirando ao colapso. Caberia a Kamatari e Naka no Ōe botar tudo novamente nos eixos.

Deste modo, o quarto ano começa ominoso:

4º ano, Primavera, 1º mês. No topo de montanhas, pela beira dos rios, ou dentre santuários e templos, avistava-se algo ao longe, e ouvia-se o sussurro de macacos, como se estivessem em dez ou as vezes vinte. Mas quando alguém aproximava-se para ver o que isto podia ser, não havia nada visível. Havia ainda sons de choro e gritos, mas ninguém foi capaz de distinguir nenhuma forma física [*como origem de tais sons*].⁷⁵

Tal passagem não deixa de lembrar um trecho, também ominoso, do *Heike Monogatari*, comentando sobre um evento do século XII. Após longos e sérios conflitos com os monges do Enryakuji, – templo localizado no Monte Hiei – que são massacrados numa passeata de protesto, a capital sofre um incêndio devastador. Eis o que a obra registra:

Centenas de pessoas morreram queimadas
e incontáveis bois e cavalos.
Isto não foi um desastre comum.
Alguns sonharam que, descendo do Monte Hiei
vieram muitos milhares de grandes macacos,
tochas na mão, para queimar a cidade.⁷⁶

Isso aponta para um possível caráter ominoso ou retributivo dos macacos. Ao menos no contexto do *Nihon Shoki*, o trecho tem contornos de um aviso final. Meio ano depois, Iruka seria assassinado, e o ramo dos descendentes de Emishi terminaria com o suicídio deste e de seus demais

75 Aston, *Nihongi*, p. 190.

76 Royall Tyler, *The Tale of Heike*, Nova Iorque: Viking, 2012, p. 60.

familiares e aliados.⁷⁷ No evento do assassinato de Iruka, choveu forte, alagando o palácio, mas tal chuva não parece ter caráter premonitório. Eu a interpreto como um fenômeno natural sem relação com os presságios, ou, de outro modo, talvez mais plausível, como tendo um caráter purgativo. Afinal de contas, não muito depois, ao interpretar uma canção popular, o texto diz, como já vimos: “Foi ominoso que os príncipes Kamutsumiya, de disposição gentil, e nenhum deles culpado de qualquer crime, fossem feridos por Iruka; e que o Céu tenha trazido sua morte pelas mãos de outros, embora não tido eles próprios sua vingança”.⁷⁸

Um pronunciamento de Kogyōku e Kōtoku, já no reinado do segundo, reafirma a convicção da justiça divina: “O Céu nos cobre, a Terra nos sustenta: o caminho Imperial é apenas um. Mas nesta degenerada idade final, a ordem de Senhor e Vassalo foi destruída, até que o Supremo Céu por Nossas mãos pôs os traidores à morte”.⁷⁹

Dito tudo isto, há duas hipóteses cabíveis. A primeira delas é a de que ao menos os eventos climáticos – ou parte deles – tenham ocorrido conforme registrados. Isto teria tornado o reinado de Kogyōku extremamente conturbado. Tal hipótese, no entanto, apresenta alguns problemas: em primeiro lugar, não há como verificar tais registros em crônicas contemporâneas, posto que as fontes usadas pelos compiladores do *Nihon Shoki* não sobreviveram. Em segundo, se tomarmos os registros climáticos a cabo de modo literal, isto nos dará diversos anos em reinados distintos sem nenhum registro de chuvas, benéficas ou não, e nenhum registro de quaisquer eventos climáticos.

Isso nos leva à segunda hipótese: a de que o destaque de tais eventos, portanto, tem um propósito. O registro dos fenômenos climáticos nos episódios apresentados tem um caráter premonitório e serve à agenda política dos redatores da crônica, que a redigiram como monumento de legitimação da dinastia de Tenmu. Este argumento é atestado pelo uso

77 Aston, *Nihongi*, pp. 192-193.

78 Aston, *Nihongi*, p. 194.

79 Aston, *Nihongi*, p. 197.

da repetição, da organização, da gradação e da variação destes registros, e de seu encadeamento com eventos do contexto político, pois tais eventos climáticos não devem ser tomados isoladamente, mas com relação ao que os precede ou sucede. Optei por tratá-los como presságios pois a crônica encadeia eventos políticos com eventos climáticos de modo a construir uma insidiosa narrativa cosmológica. Não é preciso que se descarte por completo sua veracidade, e por esta razão, também não é preciso tentar comprová-la: a materialidade destes fenômenos é irrelevante para o presente estudo, pois o que importa aqui é o uso que lhes é atribuído na narrativa.

Conclusão

Através deste artigo, espero ter sido possível mostrar com clareza que há uma narrativa política muito clara imbricada no uso de fenômenos climáticos e astronômicos, e que durante os reinados de Jōmei e Kogyōku, em especial, ela está particularmente ligada aos feitos e destino dos Soga. Afinal, a incidência alarmante de presságios começa quando Soga no Emishi coloca Jōmei no trono em detrimento de Yamashiro no Ōe, e aumenta gradativamente até os eventos que levaram à morte do mesmo, só cessando quando Nakatomi no Kamatari decide pôr fim aos Soga. A aparente neutralidade com que muitos destes fenômenos climáticos são registrados não faz mais que deixar clara a tentativa dos redatores, eles próprios membros cultos de uma sociedade altamente politizada e versada em técnicas de legitimação das mais variadas, de esconder seu posicionamento. Isto, de certa forma, justifica a eliminação dos Soga pela maneira que a mesma ocorreu, posto que ela seria a vontade do Céu. Que Emishi e Iruka tenham recebido um enterro apropriado,⁸⁰ e que os Soga tenham sido posteriormente reconhecidos como defensores do budismo,⁸¹ tudo isto relatado no próprio *Nihon Shoki*, talvez ateste o caráter

80 Aston, *Nihongi*, p. 193.

81 Aston, *Nihongi*, pp. 202-203.

controverso do golpe de 645 EC, e a necessidade de sua justificativa dentro da gramática política corrente quase um século mais tarde.

Certamente um empecilho para a unificação imperial, um *uji* tão poderoso quanto os Soga precisava ser eliminado, caso se quisesse erigir um Estado burocrático forte. Inocentes ou não de todas as acusações feitas a eles na crônica (em especial, a de querer usurpar o próprio trono), os Soga certamente eram mais politicamente ativos e poderosos do que desejavam os reformistas que os exterminaram. A despeito de tudo isso, talvez especialmente pelo seu papel na propagação do budismo, os cronistas viram a necessidade de justificar seu assassinato quase cem anos depois do fato. Tal argumento, levado a cabo por uma elite intelectual versada nas mais variadas áreas de estudos chineses, toma na crônica contornos sobrenaturais, e apresenta-se muitas vezes de modo sutil e insidioso, através das técnicas de destaque, interpolação, repetição, e gradação, deixando a associação muitas vezes implícita.

A verdade sobre os crimes dos Soga, por fim, pode nunca vir à tona. No entanto, a narrativa de seu declínio e eliminação mostra a sofisticação dos recursos argumentativos políticos e historiográficos em posse dos descendentes daqueles que os sucederam no poder, assim como sua intenção de usá-los à exaustão em prol da causa imperial e do novo Estado burocrático fundado por Tenji, Tenmu, e seus sucessores.

Recebido em 16 maio 2022

Aprovado em 22 ago. 2022

doi: 10.9771/aa.v0i66.49359



Através da análise do episódio da queda dos Soga no Nihon Shoki (720 EC), este artigo mostra como fenômenos climáticos, astronômicos e de outras naturezas foram utilizados pelos redatores da crônica para justificar o golpe de 645 EC. Para isto, será analisada brevemente a trajetória dos Soga, o peso das concepções cosmológicas chinesas no Japão neste período, e o contexto de escrita do Nihon Shoki. Em seguida, os presságios serão estudados em detalhes, traçando um comparativo de seu grau de incidência frente aos três reinados anteriores e aos três reinados posteriores diante dos dois outros reinados onde localizam-se os episódios analisados – o cerne da ascensão e queda dos Soga. Feita esta análise quantitativa da incidência de ocorrências ominosas, o estudo procederá para uma análise exegética dos episódios, de modo a mobilizar argumentos que corroborem com a hipótese levantada.

História japonesa | Período Asuka | Período Nara | Cosmologia chinesa | *Nihon Shoki*

**THE DECLINE AND FALL OF THE SOGA:
THE POLITICAL USES OF CLIMATE AND STARS IN NIHON SHOKI**

Analyzing the Soga's fall as described in the Nihon Shoki (720 CE), this article explores how the chronicle's writers utilized climatic, astronomical, and other natural phenomena in justifying the coup d'état of 645 CE, relating it to the Soga's historical trajectory, the weight of the Chinese cosmological conceptions in Japan at that time, and the context in which the Nihon Shoki was written. The paper also examines the role of omens, comparing their incidence in the three preceding and the three succeeding reigns to the core of the rise and fall of the Soga. The paper concludes with an exegetic analysis of these episodes, seeking arguments that corroborate the hypotheses presented.

Japanese history | Asuka period | Nara period | Chinese cosmology | *Nihon Shoki*